

Religiosidade e Aspecto Valorativo na Cosmvisão do Barroco Português

Wellington Freire Machado
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Segundo José Guilherme Merquior, em "Os estilos históricos na literatura ocidental"(1991:47-48), o Barroco é considerado um período de reintegração, que busca resolver tensões dilaceradoras a partir de uma enérgica síntese, afirmando e consolidando o espírito moderno. Logo, não é raro perceber – a partir da observação da produção cultural realizada nesse período – que o caráter reintegracionista assumido por essa escola literária caracteriza-se por carregar em si não só ideais distintos, mas sim por buscar um resgate cultural das produções anteriores, realizando uma “fecunda simbiose de teocentrismo e racionalismo” (MERQUIOR, 1991:47-48). Dessa forma, é possível encontrar na poesia seiscentista verdadeiras odes a figuras consagradas pela religião coexistindo com outras dedicadas a temas de caráter mundano.

Assim, neste artigo serão analisados de forma comparativa dois poemas que datam do século XVI: “Al nacimiento de nuestro señor”, de André Nunes da Silva e “A uma crueldade formosa”, de Jerónimo Baía. Ao serem comparados, estes dois poemas se caracterizam como exemplos cabais da descentralidade constituinte da cosmvisão barroca de mundo, pois ambos enfocam ob-

jetos de louvação completamente distintos, sem deixar de transparecer as características comumente presentes na poesia deste período. Segundo Roger Samuel, em “Manual da Teoria Literária” (1984:140) o estilo barroco surgiu a partir da crise dos valores renascentistas, que por sua vez se caracterizavam pela forte presença do racionalismo e do antropocentrismo (ABDALA, 1990:48)

Para Christopher Hill, historiador inglês:

A Igreja, durante toda a Idade Média, guiava todos os movimentos do homem, do batismo ao serviço fúnebre. A Igreja educava as crianças; o sermão do pároco era a principal fonte de informação sobre os acontecimentos e problemas comuns. A paróquia constituía uma importante unidade de governo local, coletando e distribuindo as esmolas que os pobres recebiam. Como os homens ficavam atentos aos sermões, era frequente o governo dizer aos pregadores exatamente o que deviam pregar. (HILL, 2000:40)

Ou seja, a própria instituição religiosa determinava desde os valores familiares até os

hábitos e modos que deveriam ser adotados pelas famílias. No soneto “Al nacimiento de nuestro señor”, percebe-se o enaltecimento absoluto à figura inspiradora da filosofia católica, Jesus Cristo. Essa louvação ocorre a partir da exaltação de valores, evidenciando sempre em primeiro plano as qualidades deste messias – amoroso, pobre, bondoso, educado, dedicado – para então enfatizar a sua enorme popularidade, justificando-a graças a sua postura humanamente exemplar.

Logo, ao utilizar este recurso que enfatiza atitudes polidas, como o amor – sentimento considerado mais nobre de todos –, o discurso cristão a partir do soneto de André Nunes da Silva toma proporções doutrinárias, de maneira que, ao atrelar valores consideravelmente positivos à figura vista como exemplo comportamental, torna por condicionar os indivíduos a adotar o mesmo tipo de comportamento. Dessa forma, a Igreja através dos seus aparentemente despreziosos sermões doutrinários acerca da vida não-carnal, passou gradualmente a assumir um caráter moderador, de restaurador da ordem social, pois a partir do momento em que as pessoas deixassem de lado características rudes, egocêntricas, violentas e egoístas e passassem a adotar novas iniciativas que colaborassem para o bem estar da sociedade da qual estavam inseridas – como seguir as orientações dos dez mandamentos, por exemplo, não matar, não roubar, amar ao próximo, etc –, a própria instituição religiosa passaria a se beneficiar com essa mudança coletiva, e assim estaria estabelecida a ordem social, como afirma Mario Aliguero Manacorda, em “História da Educação” a respeito das iniciativas educativas adotadas pela Igreja:

Pode-se dizer, considerando as iniciativas educativas do clero secular e do clero regular, que mudaram os conteúdos, e que dos clássicos da tradição helenístico-romana passou-se para os clássicos da tradição bíblico-evangélica (MANACORDA, 2000:122).

Assim, se por um lado encontra-se no Barroco uma abundante oferta de poemas antiterrenos e teocêntricos, por outro também se percebe a coexistência do espírito renascentista e racionalista, como afirma Benjamin Abadala Júnior em “História Social da Literatura portuguesa” (1990:53). E é justamente na contramão dos mandamentos da religião cristã, que aponta o eixo-temático do poema “A uma crueldade formosa”, de Jerônimo Baía. Diferentemente do poema anteriormente mencionado, neste o enfoque é completamente antropocêntrico, pois o objeto de louvor do eu – lírico é a figura feminina.

Dessa forma, a partir do próprio título o supracitado poema já sugere traços dualísticos (crueldade/beleza) comumente apontados por estudiosos da Literatura portuguesa como um recurso naturalmente utilizado em textos barrocos. Neste poema, o eu – lírico elenca uma série de características negativas da amada – ingratidão, crueldade, dureza, desdém –, associando-as a beleza que esta dama possui, como se o conjunto constituísse os dois lados de uma mesma moeda, o bem e o mal. Essa junção é considerada por Massaud Moisés uma “fusão harmônica” (1981:141), pois é constituída por pólos opostos que – inseridos no contexto deste poema – reafirmam a tese de Benjamin Abadala Júnior (1990:61) de a poesia bar-

roca em determinados momentos expressar a extrema valorização da matéria, de modo que os prazeres se opõem à contrição religiosa.

E é a partir da paralelização entre os dois sonetos (valores espirituais contra atributos físicos), que se percebe que o eu – lírico do poema “A uma crueldade formosa” sequer expressa algum temor ou sinal de contrição, de temência ao divino, por estar apaixonado por uma pessoa tão distante dos valores morais e religiosos considerados fundamentais aos indivíduos de caráter indubitável. Desse modo, a ausência dos valores presentes no primeiro poema atribuídos a Cristo e prescritos aos humanos sequer incomodam ou causam arrependimento mental ao eu – lírico do segundo poema, pois apesar de reconhecer a ausência de boas qualidades morais na amada, para ele o que de fato o mantém apaixonado é o físico, e não o caráter.

Logo, outra questão – vista a partir de uma ótica católica e, por conseguinte teocêntrica comum no medievo – que influi diretamente no caráter e na reputação do indivíduo é a situação financeira deste. Esta afirmação se confirma a partir da observação do verso cinco do poema “Al nacimiento de nuestro señor”, em que o eu lírico afirma – a partir de uma junção de opostos tipicamente barroca em que a pobreza absoluta significa enriquecimento – que “Desnudo el que los cielos enriquece”, ou seja, que Jesus é pobre e que enriquece aos céus. Neste contexto a expressão “desnudo” é utilizada como alusão à imagem dos derradeiros momentos pelos quais passou o messias católico, o que sugere uma situação absoluta de pobreza e desapego material.

Segundo uma recente edição do Informativo Oficial da Congregação Monástica de Santa Cecília, grupo ligado a Igreja Católica:

O desprendimento dos bens materiais é parte essencial da pobreza evangélica dos religiosos. Vivendo em comunidade tudo o que é de um também o é de outro. O Religioso nunca deve dizer isto é meu. Correto é dizer: isto é nosso. O nosso hábito, a nossa máquina, a nossa caneta; enfim deve abrir espaços isentar-se da posse mesmo daquilo que esteja em seu uso particular para dar abertura ao direito comum de quem nada tem e tudo o que possui não lhe pertence. (2007:01)

Logo, ao realizar uma ponte relacional entre o verso cinco do poema com a citação acima referida, percebe-se uma perfeita alusão ao voto de pobreza ao qual devem se submeter os sacerdotes ligados ao catolicismo e ao qual são orientados a seguir os fiéis que seguem esta doutrina religiosa. Isso tudo sugere que, para os indivíduos que optaram guiar-se por uma visão teocêntrica de mundo embasada pela cosmvisão cristã, o que importa de fato é o labor com o qual o indivíduo deve dedicar a lapidação do espírito, e neste processo não há lugar para a riqueza nem a ostentação material.

Desse modo, essa mesma linha de pensamento teocêntrica que mal vê a fortuna material também é perceptível na constituição da cosmvisão do eu-lírico do poema “A uma crueldade formosa” no momento em que este expõe objetos de cobiça (ouro, prata, rubis, perlas, mármore polido, jaspe, metais e pedras preciosas) e os correlaciona a características físicas da amada, traçando um paralelo

entre beleza e frieza. Essa descrição associativa conduz a crer que o rico está associado ao belo e, assim, conseqüentemente ao mau, pois no poema apesar de se perceber através da meticulosa descrição uma beleza estonteante, o caráter da amada é exposto de uma forma negativa.

Este aspecto comum aos dois poemas aponta para uma questão neutralizada no pensamento de ambos os eu-líricos ao se levar em consideração as condições de produção – ou a influencia religiosa na sociedade portuguesa do século XVI – em que estes foram realizados: a propriedade a partir de uma ótica teocêntrica. Essa questão é tratada a priori – como já foi mencionado anteriormente – de modo que é a partir dos próprios manuais instrutivos, como a bíblia em que os sacerdotes embasavam seus sermões, que se vê a orientação explícita em relação à noção de propriedade que o cristão deve ter claramente entendida. Assim, concebe-se que a impregnação desta ideologia refletida na produção literária barroca teve início a partir dos próprios princípios dogmáticos impostos pela religião. Em *Introduction to Christian Worship* – James F. White faz uma afirmação a respeito do sacramento na religião cristã:

Em Decreto para os Armênios publicado pelo Concílio de Florença em 1439 principia-se relacionando aquilo que até ali se tornara a lista convencional dos sete sacramentos, a tratá-los de maneira demasiado jurídica e a enfatizar em excesso a questão da validade. (1990:140-141)

Assim, percebe-se no simbolismo dos próprios sacramentos uma relação de pro-

priedade aquém de valores financeiros. Segundo o livro doutrinário *Catecismo da Igreja Católica*: edição típica vaticana, os sete sacramentos são: batismo, confirmação, eucaristia, penitencia, unção dos enfermos, ordem e matrimônio (VARIOS, 1999). Dessa forma, a noção de propriedade se faz presente a partir do batismo, primeiro sacramento em que o homem religioso passa a ser parte integrante da Igreja. O mesmo ocorre com o casamento, que é simbolizado pela aliança, que significa – segundo a *Revista Eclesiástica Brasileira* (1968) – o acordo permanente de duas almas, ou a materialização da propriedade de um indivíduo sobre o outro, e também com a extrema unção – a entrega da alma do homem para Deus.

Logo, concebe-se que a visão teocêntrica acerca da propriedade é comum aos dois poemas, pois é neles que se percebe o quanto a influencia religiosa refletiu na sociedade e na produção literária criada naquele período pós-classicista, em que os ideais antropocêntricos de propriedade tão comuns no classicismo, passaram a estar sob ameaça de inexistir diante da dominação ideológica a qual a sociedade portuguesa e espanhola foram submetidas. Essa comum concordância entre eu-líricos com enfoques tão diferentes pode ser justificada pela afirmação de Benjamin Abdala Junior (1990:123) de que o período barroco foi marcado pela presença constante do Tribunal da Santa Inquisição, que perseguia as idéias que se opunham aos seus dogmas e aos livros que feriam seus preceitos.

Assim, a partir da contraposição de valores realizada percebe-se perfeitamente a questão doutrinária evidente nas poesias barrocas analisadas, pois o enaltecimento ao religioso e o estabelecimento do juízo de valo-

res atrelado às características ligadas a ele são vistas como modelo comportamental, como o ideal a ser seguido, de modo que essa sobreposição – Jesus no céu, mulher na terra – complementa a corrente ideológica presente na época. A ideologia a partir de um estabelecimento valorativo tipicamente maniqueísta explícita que, o que está no plano inferior – mulher, dinheiro – não é bom e não faz bem ao espírito, como se percebe no verso cinco do poema “A uma crueldade formosa” de Jerônimo Baía, parte em que o eu - lírico afirma chorar e suspirar, estando desfeito em lágrimas e cinzas.

Em vista disso, é inegável afirmar que a sociedade da época colaborou diretamente para o julgamento de valores e a constituição da cosmovisão barroca portuguesa, pois no período seiscentista percebeu-se um complexo empenho por parte do clero para tentar desvincular os ideais de universalismo e individualidade, que se herdara do classicismo. Desse modo, a igreja, que entendia a literatura como uma ciência capaz de perpassar o tempo e pressupostamente perpetuar ideologias buscou, – a partir de atitudes represivas como a Santa Inquisição – evitar o declínio do teocentrismo, que era considerada a base ideológica do período medieval.

Referências

- ABDALA, Benjamin. História social da literatura portuguesa. São Paulo: Ática, 1990
- A BREVE HISTÓRIA DO CRISTIANISMO. Disponível em: <www.vivos.com.br/86.htm> Acesso em: 09/10/2009
- BARROCO NA EUROPA E NO BRASIL. Disponível em: <www.coladaweb.com/literatura/barroco-na-europa-e-no-brasil> Acesso em: 07/10/2009
- BÍBLIA SAGRADA ONLINE. Disponível em: <www.bibliaon.com/jesus_alimenta_cinco_mil_homens/> Acesso em: 10/10/2009
- CAVEIRO, D. O. *Português-Español Español-Portugués*. Barcelona: Roman Sopera, 1995
- FRANCISCANS, P. B. *Revista Eclesiástica Brasileira*. São Paulo: Vozes, 1985. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=h2VXAAAAMAAJ&dq> Acesso em 10/11/2009
- HILL, Christopher. *A revolução inglesa de 1640 apud PETTA, N. “História: Uma abordagem Integrada”*. SP: Moderna, 2000.
- LIMA, Aldo de. *A metáfora da analogia à técnica de fusão de opostos*. Disponível em: <www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.18.N.1_2005_ARTIGO_SWEB/A-metáfora-da-analogia-a-tecnica-de-fusao-de-opostos_ALDO-DE-LIMA.pdf> Acesso em: 10/10/2009
- JORNAL CECILIANO. A pobreza. Disponível em: <www.ordemdesantacecilia.org/pastoral_vocacional_044.html> Acesso em: 01/10/2010
- MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MERQUIOR, José. Guilherme. "Os estilos históricos na literatura ocidental". In:

- Portela, E (org). Teoria literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1991 apud NETO, M. O. *O Sagrado à Deriva: Arcaísmo e Modernidade da Literatura*. Brasília: UnB, 2008
- MOISES, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1960. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=xcQYSXj0xN0C&dq> Acesso em: 09/10/2009
- REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. São Paulo: California, 1968
- SAMUEL. R. – *Manual de teoria literária*. São Francisco: Vozes, 1984
- VARIOS, *Catecismo da Igreja Católica: edição típica vaticana*. São Paulo: Loyola, 1999
- WHITE, James. F. *Introduction to Christian worship*. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=GC8DN2qwlC&dq> – Acesso em 09/11/2009

ANEXO 1

AL NACIMIENTO DE NUESTRO SEÑOR ANDRÉ NUNES DA SILVA¹

Humilde el que los orbes enoblece,
En un portal el que domina el cielo,
El que al fuego dá ser, temblando al yelo,
Desnudo el que los cielos enriquece;

Por libertar al mundo que perece
En el golfo mortal de su recelo,
Con amor, con fineza y con desvelo,
Al decreto del Padre hoy obedece.

A dar al mundo vida nace al mundo
De Dios el Hijo, el Verbo soberano,
En todas sus acciones peregrino.

Oh prodígio de amor sábio y profundo,
Que para hacer divino el ser humano
Velo humano le cubra el ser divino!

(**Poesias várias*, p. 6)

¹ Disponível em: <www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/HALP_29.pdf>

ANEXO 2

A UMA CRUELDADE FORMOSA JERÓNIMO BAÍA²

MADRIGAL

A minha bela ingrata
Cabelo de ouro tem, fronte de prata,
De bronze o coração, de aço o peito;
São os olhos luzentes,
Por quem choro e suspiro,
Desfeito em cinza, em lágrimas desfeito,
Celestial safiro;
Os beijos são rubins, perlas os dentes:
A lustrosa garganta
De mármore polido;
A mão de jaspe, de alabastro a planta.
Que muito, pois, Cupido,
Que tenha tal rigor tanta lindeza,
As feições milagrosas,
Para igualar desdéns a formosuras,
De preciosos metais, pedras preciosas,
E de duros metais, de pedras duras?

(**Fénix*, III, p. 216)

² Disponível em: <www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/HALP_29.pdf>